Deixa o mundo dar seus giros! Estou de costas guardadas, a poder de minhas rezas.

João Guimarães Rosa

… assalta-me o desejo de convocar os poetas, os sociólogos, os pintores, os romancistas e os músicos do Brasil e pedir-lhes que vejam, mas vejam longamente, a igreja de Almofala. […] *Vinde poetas e vinde sábios, vinde celebrar comigo este caso de vento e areia, e o índio disperso e a soterrada igreja.*

Carlos Drummond de Andrade,
"Areia e vento", *Correio da Manhã*,
17 de novembro de 1946

Para Júlio Camilo,
que dissolve e recria meu tempo

SUMÁRIO

PARTE I
Você trouxe todas as palavras, 15

PARTE II
Os ossos dela não estão lá, 111

PARTE III
A língua de fogo avisou, 165

Oração para Desaparecer, 201

Agradecimentos, 203

PARTE I
Você trouxe todas as palavras

1.

Acordei com os olhos grudados de lama, o nariz entupido de terra e a boca cheia de areia estralando nos dentes. Alguém me enterrou. Bichos alisavam minha língua, rastejavam pelos ouvidos e por outros caminhos para dentro das carnes. Debaixo do chão era uma agonia gelada, molhada, fedida. Não sentia braços e pernas no breu daquela cova. Perdi a noção do meu corpo, achei que me transformaria em um bicho morto, me desfazendo até virar pó. Ninguém sabe o que fazer na hora da morte.

Quando eu já suplicava pelo fim, o buraco me apertou como uma mão gigante de terra, envolveu meu corpo inteiro e começou a me expulsar. Os olhos lacrados, a hora do parto, a boa hora de Nossa Senhora, as palavras se repetiam no pensamento tomado de desespero.

Comecei a sentir os músculos, ossos, nervos, minha pele toda invadida pelo espírito impetuoso de um parafuso, a forma humana preservada, não virei bicho nem pó. Girava para cima com ritmo e firmeza, sem fazer esforço, na pressão lenta da terra, cada vez mais forte ao redor do meu eixo, apertando dos lados, empurrando no meio das pernas, pelas plantas dos pés. O monstro subterrâneo estava decidido sobre meu destino: queria me expulsar dali.

Dois pares de braços surgiram cavando, falando, abrindo espaço para a luz. Buscavam por mim. Duas mãos encontraram meu pescoço,

seguraram pelos lados e puxaram com força. Outro par de mãos agarrou minha cabeça. Ouvia suas vozes apressadas comentando como era pesada, cuidado para o pescoço não quebrar e matar de uma vez, puxe o braço com jeito para não arrancar o ombro, que pele fria, será que a criatura está viva? e se sair morta, o que faremos? deixa de asneira, eles saem vivos sempre, você sabe que é assim.

Os dois mudaram a estratégia e me arrancaram pelas axilas com vigor e gemidos de esforço. Atravessei a terra tossindo muito. É uma rapariga, ela disse. Passou um pano molhado no meu rosto e repetia que estava tudo bem, que era preciso calma, enquanto um homem me enrolava em duas mantas, cobria meus peitos e minhas costas. Eu estava nua, com medo e morrendo de ódio daquela mulher me chamando de rapariga. Um sopro gelado no rosto esfriou as gotas na minha pele e parecia congelar. Ainda não enxergava bem, não ouvia com clareza, achava estranhas aquelas vozes, escutava tudo sem entender nada, delirava sobre morrer.

Voltei a enxergar graças ao zelo dela, limpando minhas pálpebras com muita paciência. Meu corpo estava completamente nu e sem pelos em nenhum lugar. Passei a mão na cabeça e gritei, assustei os dois. Estava careca. Os cabelos ficam no caminho, o chão arranca, a mulher disse, mas logo vão crescer, não te preocupes. Falava o essencial e continuava limpando com cuidado, as orelhas, a pele, o pescoço, o dedo enrolado em um tecido fino cutucava os ouvidos. Suas mãos me devolviam a dignidade, seus olhos não largavam de mim.

De vez em quando ela pedia que eu não ficasse nervosa, que me acalmasse, que me daria sopa com pão, chá quente e boa dormida. Todos vocês chegam com muita fome, depois dormem uns dias, ela disse, quando acordar arranjaremos sua vida, sem susto nem espanto. Não adiantava tentar me acalmar, tudo era puro assombro. Perguntou se eu conseguiria ficar em pé e colocar meus braços sobre os ombros deles. Estava fraca demais. O homem me pegou no colo e me levou até a casa, perto da cova de onde saí.

Tentei falar, mas tossi de novo. Entramos pela porta de trás e fomos direto para um pequeno quarto, ao lado da cozinha. Os dois me

deixaram em uma poltrona larga de couro marrom, forrada com alguns lençóis em um local escuro e bagunçado.

Senta-te aqui, fica parada, não sai por enquanto. É preciso permanecer mais ou menos meia hora sentada para que o sangue volte a correr direito pelo corpo e a pressão regularize, o homem explicou nesses termos. Depois deveria tomar banho. Antes de deixar o quarto ele levantou minhas duas pernas e as apoiou em um pequeno banco, também forrado com uns trapos manchados, dizendo que era para ajudar a ativar a circulação. Abriu uma maleta de couro e me examinou com aparatos de médico. Respiração. Lanterna nos olhos e ouvidos. Aperto no braço, na barriga com sua mão fria e avermelhada. Disse que parecia estar tudo bem, por enquanto, só muito suja por dentro, mas iria melhorar com os dias.

A mulher voltou com outra toalha, limpando meus pés. Eu seguia atenta às temperaturas, à benevolência dos exames do doutor, à certeza dos olhos dela. Na parede ao lado da cama havia um batente alto de alvenaria cheio de velas antigas, de cores e de formatos diferentes, ceras derretidas, retorcidas, pavios dormindo. Ela acendeu algumas antes de sair, deixou fogo e luz. Senti cheiro de estrume, passei muito tempo com aquele fedor de enterro por dentro do meu nariz, mesmo dias depois de estar limpa.

Um pouco de chá amargo, um prato de sopa e um pedaço de pão. Foi a primeira refeição que fiz com eles, enquanto me observavam.

— Deixa a chávena aqui na mesa, assim tu tomas a sopa na bandeja com mais jeito.

Eu não sabia o que era chávena. Quase bebi a sopa direto do prato, de tanta fome. Comi o pão de uma vez e ainda tossia, engasgava, mas o desespero pela comida era maior. O chá quente dissolveu a terra da garganta, um alívio.

Agora podes tomar banho, ela autorizou, arrumando na cadeira ao lado da banheira um pijama de flanela azul, de tamanho bem maior que o meu; um par de meias, um vestido preto, um casaco verde, roupa de baixo, um pedaço de sabão. Enquanto eu comia, eles encheram uma banheira com água tão quente que fumaçava, ali dentro do quarto mesmo. Faziam tudo juntos, sincronizados, pareciam treinados para

aqueles gestos de cuidar de uma morta-viva. A água caía na banheira de ferro antiga e de pés elegantes. Ao lado havia uma cama e um baú.

— Demora-te no banho, lava as partes todas, esfrega-te com esta esponja. Tenho outras, arranjei um pacote quando soube que tu chegarias, podes usar tudo. Limpa os dentes, é importante tirar a sujeira das gengivas também. Descansa, depois do banho tu podes dormir, a cama está pronta.

Ela adivinhou meu desejo de falar e avisou que não seria bom fazer muito esforço nos primeiros dias.

— Eu sou Florice. Este é o doutor Fernando, meu marido. Ele é médico, saberá fazer o que for preciso para recuperar tua saúde. Depois tu me dizes o teu nome.

Seria impossível descansar com tanto nojo da minha imundície. Tirei os panos de cima de mim e entrei na banheira para passar o frio, o corpo nu, tonto e fraco, sem equilíbrio. Fechei os olhos dentro da água, a perfeição da temperatura, um lago de alívio sob a luz das velas. Parecia lógico e prudente aceitar que algo gravíssimo acontecera. Voltei a achar, dessa vez com calma, que eu estava morta. Alguém me matou e tudo ao meu redor era o além. Então era assim a Morte, uma senhora de olhos azuis chamada Florice, prestimosa, racional, um pouco apreensiva, mas jamais surpresa. Uma aberração surgiu do solo, no quintal, mas isso não alterava sua calma, como se me conhecesse.

Se fosse uma situação real, com pessoas vivas, não sei o que teria sido de mim, onde eu teria sido largada, chamariam a polícia, pensava tudo isso ao mesmo tempo, minha cabeça acelerada. Cheguei a me convencer de que talvez aquilo fosse uma área de transição, um descanso para o que viria depois. Vida e morte são mistérios que ninguém alcança. Tudo o que se fala sobre nascer e morrer é mera aposta. A morte é dolorosa, mas talvez o nascimento seja pior, e minha desgraça estava ali, entre uma coisa e outra.

Era estranho que o corpo doesse tanto, nos músculos, na pele, aquela dor de cabeça, sentir fome, sentir frio, ter a carne tão viva ainda. O desligamento das sensações viria aos poucos, devia ser assim.

Alisei meu corpo com as mãos buscando algo que explicasse o acontecido: tiro, facada, ferida, inchaço, costura, tumor. Achei um corte

no braço esquerdo, fundo, do ombro ao cotovelo, e outro no pescoço, e machucados, pontos roxos, arranhões, pancadas. Os cortes maiores não sangravam, mas estavam abertos e com terra por dentro. Ardia. Eu não estranhava minha própria pele. Fui capaz de alguma maneira, apertei minhas coxas, achei tudo forte, farto, os músculos, as carnes, os seios, as pistas eram só essas. A última esperança que tinha era o corpo, minha única posse, mesmo sem saber se eu era só uma sobra de vida que desapareceria com os dias.

Mergulhei. A banheira era larga e funda o suficiente para ficar uns segundos imersa. Foi quando percebi um colar de búzios boiando, preso ao meu pescoço, cheio de areia que saía de dentro das conchas e se dissolvia na água, e que veio comigo não sei de onde, em testemunho de não sei o quê. Recobrei um pouco da lucidez. Até hoje, quando estou confusa, cuido do meu corpo, lavo a cabeça, deixo que a água me ajude a voltar para a minha pele.

A temperatura foi baixando muito rápido e tive de sair da banheira, me enxugar, vestir a roupa, as meias, calçar os estranhos sapatos de esquentar pés e abrir a porta para tentar chamá-la. Havia voz: Florice! Ela veio correndo com o marido e perguntei se eles sabiam como eu morri, se estava mesmo morta, onde era aquele lugar, tudo atropelado.

— Ela fala brasileiro — Fernando disse, sorrindo, pois para ele era boa notícia.

Perguntaram meu nome. Não lembrava. Não havia nenhum registro de resposta nos meus pensamentos para a pergunta que coloca uma pessoa na vida de outra.

Nada aparecia na cabeça, imagem, lembrança, nenhuma pessoa, isso me desesperou e eles disseram que seria melhor dormir, pois a chegada confunde as ideias, no dia seguinte eu lembraria de tudo.

— E se eu não lembrar?

— Todos lembram.

2.

A casa era um depósito dos vestígios de muitas vidas. Diante da porta do quarto, havia uma sala pequena. Das marcas retangulares nas paredes imaginei os quadros. Uma máquina de costura em silêncio, uma cadeira sem assento e uma espessa camada de poeira, que denunciava abandono. Um piano de madeira escura servia agora apenas como a prateleira de retratos desbotados de casais, mulheres, homens, crianças que partiram deste mundo muitos anos antes.

Ao lado vi outra sala, um pouco menos suja. E vi Fernando. A mesa posta contrastava com o cenário ao redor porque, no meio dela, havia uma flor. Uma garrafa branca com água e uma rosa amarela de Almofala, como eu saberia depois. Um dos dois saiu no frio para buscá-la e dar outra ordem ao lugar do nosso pequeno-almoço.

Florice estava cozinhando enquanto uma mulher cantava no rádio. Fernando puxou uma cadeira para mim. A menina conseguiu descansar? Sentiste alguma dor na cabeça, no corpo, estás bem? O sono foi reparador, sim, mas não resgatou nenhum traço de memória. Ele perguntaria isso a seguir e já adiantei que não recuperei nada.

Interrompeu o exame, mudou de assunto, alinhou a colher com a mão direita, o garfo com a esquerda e contou que o capricho da mesa era graças a uma mala de apetrechos trazidos pela esposa. Toalha de mesa, copos, chávenas, pratos, talheres, tudo era deles. Florice só sabe

estar cercada de beleza, ele disse, só anda com as coisinhas dela. Os dois perfumados, penteados, bem vestidos. Especialmente ele, Fernando, e sua inabalável elegância e olhar sempre atento a todos os meus gestos. Não era só cuidado; havia curiosidade e um pouco de medo, um sentido de alerta.

As bagagens estavam no chão, uma mala aberta e outra fechada. Perto delas, um pacote enrolado com plástico preto e barbante, em cima de um cobertor dobrado, parecia um bebê morto e preparado para um enterro. Não tive tempo de perguntar o que era, nunca esqueci a sensação que me causou aquele embrulho, aterrorizante como um choque frio. Durou segundos minha vista ali, logo Florice encheu minha xícara de café e o cheiro me acordou. Só depois de tomar metade e de comer algo comecei a falar e a fazer perguntas: como fui parar naquele lugar, o que aconteceu, se eu estava morta, se ela era a Morte e ele era Deus, ou a Morte e seu auxiliar. Os dois riam, achavam divertida a minha confusão. Até que veio a sentença:

— Você trouxe todas as palavras.

Foi Fernando quem disse. Perguntei de novo o que tinha acontecido comigo e Florice foi direta: sabemos muito pouco sobre isso, só recebemos o aviso de que alguém chegaria no chão deste lugar, e foi preciso correr para o teu resgate. De repente estávamos concentrados em falar a sério sobre todo aquele absurdo.

— E como vocês souberam?

— Recebemos um telefonema.

— E o que disseram de mim? Não explicaram nada?

— Nada. Foi uma conversa breve. Mandaram que viéssemos à Almofala, esta aldeia, buscar uma mulher e desligaram o telefone. Nós já sabíamos que iria acontecer um dia conosco, mas demorou muito. Abrimos o mapa de Portugal, eu e Florice, e vimos seis aldeias com o mesmo nome, cada uma menor que a outra, seria um código? Almofala é uma palavra árabe, significa acampamento temporário. *Al mohala*. Os mouros foram deixando muitos pelo caminho. Ficamos sem saber o que fazer, imaginamos mil sentidos, uma senha, um enigma. Estávamos perdidos.

— E como descobriram?

— Recebemos outra ligação pedindo desculpas pela confusão e explicando que era a Almofala perto de Caldas da Rainha.

— E só?

— Só. Falou do pó de café, mas disso eu já sabia.

— O que pó de café tem a ver com isso?

— Quando se recebe o aviso da chegada do Ressurrecto a gente joga pó de café no lugar onde quer que a terra se abra, ajuda no caminho. Meu avô fazia assim porque alguém disse a ele.

— Ressurrecto? Eu sou isso?

— É como meu pai chamava. Pessoas que iam morrer, mas por um triz escaparam e voltaram à vida em outro lugar.

— E qual o sentido disso?

— A menina ainda não percebeu que quase nada na vida faz sentido? Algumas coisas são obrigatórias, é preciso fazer e já está. Desde pequena eu sei que temos de jogar o pó de café no terreno e aguardar a criatura que vai chegar, receber, cuidar de todas as maneiras até que a pessoa vá embora por decisão própria, são as regras. E entre um acontecimento e outro, rezar para que nada de mal nos ocorra. Achei que não aconteceria mais, que por algum motivo eu poderia estar livre, mas tu vieste. Se a gente começar com isso de entender ninguém termina mais essa conversa e temos muito a fazer.

— Quem ligou, era homem ou mulher?

— Mulher. Apresentou-se como Regina, nada mais.

— Quem é essa Regina? Por que ela sabe de mim?

— Não faço ideia, menina, nunca a vi na vida. Ela só disse essas coisas e desligou. Falava rápido demais, um entusiasmo de ideias, mas consegui entender e cá estamos. Chegamos semana passada e arranjamos esta casa. Fizemos vigília para esperar teu desenterro, obedecendo à ordem da razão mística que nunca entenderemos, como dizia meu pai.

— Mas por quê? O que vocês querem comigo?

— Queremos nada. É uma obrigação a cumprir, só isso. Salvamos a tua vida, a menina deveria agradecer.

Florice tentou encerrar a conversa, aborrecida, irritada, resmungando. Ficou me perguntando se eu queria algo mais, que era bom

comer bastante pois devia ter perdido vitaminas. Da bruma ao corpo, de novo. Fernando retomou a conversa:

— Lembraste teu nome, uma letra, um som?

— Não.

— Vais lembrar. Mas escuta: esta casa não é nossa, como já expliquei. Não somos daqui, alugamos só para te receber e já vamos embora amanhã. Ainda dá tempo de passear um pouco pela aldeia, tu precisas andar para reequilibrar a circulação, funções vitais. É necessário.

— Eu vou ficar aqui?

— Não, claro que não. Vamos te levar para a casa da irmã de Florice, no Norte. De lá seguimos a nossa vida, tu segues a tua e não estarás desamparada nesse começo. Moramos em um apartamento em Lisboa, na casa de minha cunhada tu terás mais conforto. Ela vive sozinha, vai gostar da tua companhia, já falamos com ela. Depois tu decides teu destino, quando lembrar. Alguns voltam para casa, outros ficam, é escolha tua, mas por enquanto é nossa responsabilidade cuidar de ti até que essa fase de confusão passe.

Então eles cuidariam de mim, mas eu deveria seguir a minha vida em breve. Eu, que não sabia que vida tive, sem pistas daquilo que fui e não sei. Voltei para o quarto, peguei um dos casacos, o verde, de veludo, e calcei um par de botas que cabiam três pés dentro de cada uma.

Na porta, Fernando disse que iria comigo caminhar, mas que seria rápido para não despertar a curiosidade das pessoas. Almofala era uma aldeia pequena, uma e outra casa habitada, com roseiras no jardim, flores saindo dos muros, datas antigas sobre as portas, tomada por gatos peludos de todos os tipos.

A maioria das construções estava abandonada. O som das pedras sob nossos sapatos quebrava o silêncio frio e triste. Estávamos no alto de uma montanha, o cume do mundo, o mais perto possível do céu.

Dobrando à esquerda da casa vimos uma igrejinha no alto, em formato triangular, vazia e de portas fechadas. Um homem que arrancava mato das pedras do muro veio falar com Fernando. Entendi que se conheciam do primeiro dia, trataram do aluguel, ele perguntou se estava tudo bem na casa, acho que tentava entender o que fazíamos ali, porque metralhava as perguntas olhando para mim. Fernando explicou

que procurou uma aldeia tranquila e alta para uns dias de descanso com a sobrinha doente.

Para evitar seu olhar estupefato, achei prudente subir os degraus, entrar na igreja e me sentar um pouco, mas estava trancada. Havia uma rosa vermelha no batente, fresca, recém-colhida. Talvez deixada por alguém que iria levá-la para algum santo e deu com a porta fechada.

Os dois conversavam e o homem falava de Almofala, contava que os idosos foram morrendo e que as famílias nunca voltaram para reclamar as casas, que tudo morria junto com quem partia e talvez fosse culpa das almas do fosso, os mortos da Santa Inquisição. Os enforcamentos aconteciam ali, os corpos eram jogados lá — ele apontava com precisão, colocando seus olhos nas palavras para explicar a geografia do desterro, sem precisar a data, parecia um ato de sempre, enforcar, jogar no buraco da morte.

Dei a volta para não ouvir mais. Encontrei uma portinha lateral, talvez estivesse aberta. Quando subi os degraus, todas as portas começaram a sacudir, várias mãos ao mesmo tempo, um movimento orquestrado pelo vento. Continuei subindo e com mais um passo, mais de perto, estavam sacolejando a madeira com violência, implorando para sair, mais forte e mais alto. Isso acontecia com a porta principal, a lateral e as janelas, sincronizadas, e teria de ser, então, trabalho de umas tantas pessoas. Eu ouvia um murmurar de longe, confuso, tive medo, mas os homens conversavam normalmente, não pareciam ouvir nada. Desci correndo e escorreguei na areia.

Fernando olhou para mim espantado, ajudou-me a levantar e adiantou nosso retorno, sem entender meu susto, minhas palavras desconexas, em voz bem alta, repetindo que estavam tentando abrir as portas e as janelas, que era preciso salvar as almas presas dos enforcados. Alguns moradores começaram a aparecer pelas ruelas, e o rumor da forasteira louca já estava se espalhando, pelo visto, coisa fácil de acontecer em um lugar morto, onde nunca há novidades e são tão poucos os vivos. Despediu-se explicando ao homem que precisava cuidar da sobrinha doente, que já iríamos embora. Voltei para casa chorando e amaldiçoando o fosso vazio da minha memória.

3.

Despertei quando Florice bateu na porta e me chamou para tomar um chá de tília, prometendo que acalmaria minhas ideias, sem que ela mesma estivesse tranquila. Lembrei de sonhos confusos que tive, cenas cortadas com facas, um homem muito perto de mim, falando alto. Acordei assustada com os gritos dele, furioso dentro do sonho, misturados às batidas dela, suaves.

Enquanto demos quatro passos lentos até a mesa, contou-me que descobriu um pé de tília no quintal e estava contente por isso, era seu chá preferido. Tomamos muito em Portugal, ela explicou, abrindo espaço para esse assunto sem qualquer interesse ou relação com a tragédia que eu vivia, como se estivesse tudo bem.

Fernando me aguardava à mesa, com um caderno e uma caneta em mãos. Florice também. O dela era gasto, velho, uma capa de papelão azul-marinho dobrado e desdobrado, com as pontas já se desfazendo. O dele, um caderninho novo, de capa vermelha. Sua fala foi um percurso de coisas numeradas, organizadas, a única ordem que meus pensamentos conseguiram obedecer. Combinaram aquela conversa. Decidiram sobre o que cada um falaria e até que ponto poderiam me dizer coisas, um evento ensaiado.

Primeiro ele repetiu que não perdi as palavras, voltou a esse ponto com insistência, olhando nos meus olhos, pausando a voz para que

eu entendesse que aquilo era sério e importante, poderia compor meu tempo, determinaria o meu futuro, eu não tinha percebido ainda. Alguns chegam mudos aqui e só voltam a falar meses depois, meu caso era um intercurso improvável e milagroso. Ele me pediu para acreditar, pois só isso me ajudaria a resolver tudo mais rápido, lembrar quem sou, voltar para casa. Estava viva, não morri, sobrevivi ao insólito.

Segundo: meu passado poderia aparecer nos sonhos e eu precisaria anotar com muita dedicação, em detalhes, mesmo que parecesse uma coisa sem sentido ou sem importância. Eu iria lembrar de tudo em algum momento. Os sonhos guardam o que é nosso e nos devolvem quando precisamos, ele disse, contando que pelos caminhos de dentro as memórias voltaram da viagem escura.

— Escreve tudo no caderno. Sabemos que é difícil para ti não lembrar nada da tua vida nem das pessoas. Não perceber o que te aconteceu é devastador, mas os outros chegaram quase sempre mudos, soltando grunhidos que ninguém entende, latem, miam, um festival de horrores. As palavras vieram, isso é muito bom, mas tem paciência. É como reconstruir uma cidade depois de um terramoto. Tu te desfizeste, foi uma categoria de morte, mas não daquelas que encerram a vida. É uma ressurreição, entendes?

Claro que eu não entendia. Eu acreditava nele, havia um esforço sincero para me fazer perceber, muito profundamente, que me entregava uma chave importante para seguir, mas eu me revoltava.

— Quem são os outros todos?

Florice ouvia tudo de cabeça baixa, olhando seu caderno, prestes a explodir com minha irritação, apertando os lábios, controlando o ânimo, apressando os gestos e a ponta dos dedos contornando a borda da capa, com unhas pintadas e bem cortadas. Fernando sustentava o olhar em mim. As tarefas entre os dois estavam bem divididas: ela cuidava do meu corpo por obrigação e ele, dos pedaços de alma que levei, por caridade.

Perguntei também o que achavam que aconteceu na igrejinha da aldeia, ela disse que pode ter sido alguma confusão mental, é comum no meu estado. Além de rapariga, sou louca, era isso que ela pensava de mim, essa égua do meu ódio. Não havia nada lá, as portas estavam

imóveis, ele garantiu, olhou com atenção, não escutou coisa nenhuma. Tive certeza de que muitas pessoas queriam sair de lá de dentro, mas eles disseram que eu não me importasse, que os primeiros dias e meses eram assim mesmo, aconteciam fatos inexplicáveis.

— Ou eu posso ser louca. Se não sabemos de nada, posso ser qualquer coisa.

— Os Ressurrectos chegam sempre confusos. Eu conheci muitos loucos na vida e os piores estavam sempre convencidos de que eram ótimas pessoas — Florice resolveu falar.

— O que é ser Ressurrecto, afinal? Por que isso aconteceu comigo?

— Já te disse antes. Significa quem morre sem morrer, enterrados que saem da terra. Não é qualquer morto, são os escolhidos para isso. Quem começa uma vida nova. Meu avô repetia exatamente isso quando tocávamos no assunto. O que aconteceu contigo é parte da história da minha família há anos, um absurdo que nunca entendemos, quase um delírio, não contamos para ninguém, sempre foi nosso segredo. Tu não podes falar nada, percebes? Nunca poderás falar. Os que chegaram para nós estão registrados neste caderno. Cada um com uma origem diferente.

— Sempre saem da terra?

— Os que chegam para minha família, sim. Tu és a vigésima oitava e a primeira mulher. Mas meu avô falava que havia outras formas de chegar.

— Esse corte no meu braço, no pescoço, essas marcas e pancadas, vocês sabem o que foi? Estou muito ferida. Quem me enterrou, quem fez isso comigo?

Não sabiam. Fernando quis dizer algo, mas Florice tocou sua mão e o interrompeu. A sensação se repetiria muitas vezes: ele ficava prestes a dizer qualquer coisa que ela não permitia. Ela abriu o caderno e passou as páginas. Nome, data de chegada, data de saída, algumas linhas a mais. Mostrou muito rapidamente. Na página vinte e oito havia a data e a hora do meu desenterro, descrição física, pouca coisa.

Recebi o caderno vermelho em branco e prometi me esforçar. Eu saberia anotar? Se dependia de mim, garanti que iria fazer o certo: escrever os sonhos.

— Não sei se isso vai ajudar em alguma coisa, meus sonhos são ilusões de cabeça confusa.

— É o contrário. Só o sonho é real.

Ele explicou mais uma vez, com paciência, que alguns dos Ressurrectos que conseguiram voltar para as suas casas de origem, seus países, foram os que perseguiram as pistas dos sonhos, de forma consciente ou vaga, mas era o único jeito de voltar. Os Ressurrectos sempre têm fortes motivos para fazer a viagem, ele disse.

— E qual teria sido meu motivo?

— Deve ter alguma relação com as tuas cicatrizes. Foram cortes fundos, quem fez isso queria o teu mal. Tu lutaste uma batalha violenta, isso é certo.

— Eu morri e recebi outra chance por qual motivo?

— Não sabemos, realmente, mas aconteceram absurdos, era o pai de Florice quem contava os casos. A esta altura da minha vida sei que qualquer coisa é possível. Não sou mais ingênuo de acreditar que uma ordem única rege tudo, ou que nossa cabeça pode entender os desígnios do mundo. Não pode. Só nos resta aceitar e seguir vivendo porque estamos nessa aventura às cegas. Todos nós. Quando a gente acha que entendeu tudo, o caos aparece para relembrar que não somos coisa nenhuma.

Depois dessa conversa eles não queriam dizer mais nada, mudaram o tema, entramos no modo prático da vida: arrumar objetos, organizar a bagagem, estudar a rota da viagem pelo mapa. Partiríamos para a casa de dona Fátima, cunhada de Fernando, mas antes iríamos passar uns dias em Lisboa. Mostraram o mapa de Portugal, a travessia que faríamos até lá, o nosso lugar naquele país, pequeno e estreito na Europa, o nome do continente, ele explicava como se eu fosse criança. Pediram desculpas por não mostrar o mapa do Brasil, não o tinham em mãos. Levavam o de Portugal pela necessidade.

A rota de saída de Almofala passaria por São Clemente, Venda da Costa, Venda da Natária, Cumeira da Cruz, Chões, Alvorninha, Chiote, Zambujal, Vila Nova, Outeiro, Casal do Rei, Casais da Boavista, Ribeira de Crastos, Carrasqueira, Vidais, Mosteiros, Trabalhia, Matoeiro,

Imaginário, Caldas da Rainha. Eu guardei esse papel, deixei dentro do caderno, por isso sei os nomes até hoje.

Os dois tinham gosto de apontar no mapa os lugares onde nasceram, onde viveram, onde estão seus parentes, os sítios mais bonitos, as viagens, as paisagens. Falaram da muralha de Óbidos, da casa que alugaram com uma laranjeira cuja copa invadia a janela do quarto quando eram jovens e comemoravam o terceiro ano de casamento. Adoravam o Porto, Coimbra, Sintra, Mafra, Aveiro, Braga, decorei alguns nomes mas estava cansada, não era um bom momento. Eu não estava ali porque escolhi. Desejaram que eu aproveitasse a sorte de renascer em Portugal. Não conseguia ter essa ideia tão bem-acabada de renascimento, mas gostava do esforço para me alegrar.

Antes de ir embora fui ver de onde saí. O buraco estava coberto e Florice plantou uma muda de oliveira em cima, contou que trouxe de casa, era um ritual de chegada dos Ressurrectos que seu avô ensinou. Aninhou a mudinha na terra enquanto eu me recuperava na primeira noite, diz ela que isso me ajudou e eu nem sei. A árvore absorveria o que ficou de mim pelo caminho.

Deixamos a casa de carro e vimos que o movimento nas poucas ruas estava diferente. A igrejinha de Almofala só abria uma vez a cada três meses. Um padre de Caldas da Rainha passava o fim de semana na aldeia, atendia aos pedidos de batismo, confissão, extrema-unção, exorcismos e casamentos, tudo junto, os sacramentos, as ilusões da vida, a certeza do fim. Já estávamos de saída, todos no carro, mas Florice pediu para descer e rezar um pouco.

Era um padre jovem. Sentia-se bem porque Deus o escolheu como pároco de Almofala, aquela terra de sofrimentos, e ali ele percebia com mais força que sua vocação se cumpria, ele disse. Engraçado, de Deus eu lembrava. É preciso ter muita fé para achar que foi Deus que cuidou dos detalhes banais da vida terrena, mas era o que eu sentia naqueles dias, a crença também veio comigo, mesmo que depois tenha se perdido.

De portas abertas e cheia de gente, a minúscula igrejinha encrustada em um triângulo trazia Almofala de volta à vida. A missa já estava em andamento quando entramos e nos sentamos no penúltimo banco, do

lado esquerdo. A pequena interrupção gaguejante e o olhar do padre fizeram com que todos virassem para nos ver, um trio estranho. Um casal elegante, uma moça careca e malvestida olhando o mundo com visível perturbação.

Minha audição alcançava os sussurros desde a primeira fila e ouvi os comentários:

— É essa aí a rapariga.

— O aluguel da casa foi pago por um mês, mas só ficaram alguns dias.

— Disseram que iriam embora pelo agravamento do estado de saúde da enferma.

— Será que é cancro?

— Não, parece lunática, minha mãe tem uma prima assim, eu percebo de longe.

— Pobrezinha, é jovem ainda. Não sabemos que tipo de doença.

— Estou convencida de que é lunática.

Fiquei na ponta do banco, de cabeça baixa, fechei um pouco os olhos para ouvir o canto, a música em coro improvisado, a voz do padre em destaque, aquilo era familiar e me trouxe conforto. Meu transe de paz só foi interrompido por uma mulher que chegou perto de mim, com um menino. O povo todo cantava olhando para o padre, já tinham esquecido de nós, menos eles. A mulher e o menino. Menos aquele outro homem na janela. Menos o jovem, na outra janela. E as duas idosas, gêmeas, muito magras e com fiapos de cabelos brancos e longos, quase um emaranhado de teias e poeira da cabeça até os ombros, uma cabeleira só para duas pessoas. A mulher com o menino olhava muito séria e, enquanto eu a observava, não percebi que chegou ao meu lado uma menina de uns sete anos, tão junto de mim que falou baixo, no meu ouvido com um movimento discreto:

— Já vais?

Sorri para ela e disse sim. Sorri para as outras pessoas em pé, nas janelas. Não responderam o cumprimento, apenas olharam para mim. A cor e a forma as distinguiam dos outros da igreja e então entendi.

Não sei o que fui antes de esquecer tudo, mas no momento em que me concentrava naqueles corpos descobri que era capaz de ver os mortos. Não era espantoso, deve ter sido sempre assim, a ideia não me deu medo, mas era angustiante. A menina continuava ali e disse que iria comigo.

É difícil lembrar dessa cena, tenho vontade de chorar. Isso tudo, os primeiros dias. Eu retomo a sensação de sufocamento. Se você não se importar, eu gostaria de fazer uma pausa agora para beber água. Estou contando muito rápido?

— Não te preocupa, estou a gravar. Aceitas um sumo de laranja?

— Só água, obrigada. E talvez uma taça de vinho. Mas veja: dos primeiros dias lembro algumas coisas com detalhes, mas depois da saída de Almofala os acontecimentos foram diferentes. Não sei se vou conseguir continuar da mesma maneira, quase minuto a minuto.

— Talvez o caderno ajude. Anotaste os sonhos, certamente.

— Sim, anotei o que foi possível, aos poucos tive sonhos mais longos, mais claros, em alguns tive certa lucidez. Aqui está o caderno.

— Gostaria de ver, quando for possível. Será importante para o meu trabalho.

— O senhor não tem perguntas?

— Sim, mas o correto é sempre escutar primeiro.